



## Um convite especial

**E**ra domingo à noite. O calor do dia ainda se fazia sentir dentro de casa, mas a brisa suave que entrava pela janela da sala tornava a temperatura um pouco mais amena e agradável. Lá fora, os grilos cricrilavam a sua canção estival, dispersos

por entre as plantas e flores do jardim. Inês estava no sofá da sala a ler, na companhia dos pais. Tinha os pés descalços pousados num “tapete” especial: o pelo de Bruno, o seu labrador chocolate, que parecia profundamente adormecido, mas na verdade estava a apreciar o contacto com a sua querida dona.

Não é fácil ser o animal de estimação de uma rapariga que frequenta um colégio interno: quando ela sai de casa com o saco e a mochila às costas, Bruno fica sempre cabisbaixo e os seus olhos parecem prestes a verter tristeza pura em estado líquido. Por isso, na presença dela, o pobre cão sente-se duplamente feliz: porque adora a dona e porque ela está próxima de si. Cada palavra que Inês lhe dirige e cada mimo que lhe dá é motivo de intensa alegria. O simples toque dos pés dela no seu corpo causa-lhe uma sensação tão boa, que ele nem consegue adormecer.

Talvez pressentindo isso mesmo, Inês fechou o livro, levantou-se do sofá e sentou-se no chão, para fazer festas ao seu amigo. Bruno ergueu a cabeça e tentou lambe-lhe as mãos, enquanto a cauda tamborilava ritmicamente no chão.

– Gostava tanto de te poder levar comigo para o colégio, sabes... – segredou-lhe ela, com carinho.  
– E tu ias adorar andar lá a correr pelo jardim!

O cão pareceu perceber, pelo tom de voz da dona, que havia alguma melancolia na sua mensagem, apesar do afeto que transmitia. E aproveitou o facto de ela se ter aproximado mais para lhe dar uma lambidela na cara.

– Ai! Isso não, seu maroto! – disse ela, limpando-se.

O pai propôs:

– Vamos levá-lo à rua? Já são horas...

– Vamos! – a disse Inês, contente com a perspectiva de dar um passeio lá fora, respirando o ar fresco da noite perfumada. Mas o seu telefone tocou nesse instante.

Ao ouvir o tilintar das chaves, Bruno ficou eufórico, correndo para a porta, temporariamente esquecido da dona. O pai fez um sinal interrogativo à filha, para saber se o acompanharia ou se, afinal, ficaria em casa. Vendo a excitação em que estava o seu amigo de quatro patas, Inês disse ao pai que fosse sem esperar por si, pois não sabia

quanto tempo iria demorar. Do outro lado, a Filipa pedia-lhe que ligasse o FaceTime.

– Olá! Já fiz o saco para amanhã, mas preciso de ter a certeza de que não me falta nada! – anunciou a Filipa, entusiasmada.

– Fato de banho? – perguntou a Inês.

– *LOL!* – fez a amiga.

– Protetor solar? – sugeriu a Inês.

– Claro! – respondeu a Filipa.

– Chapéu? Óculos de sol? – lembrou a Inês.

– Já pus essas coisas de praia todas no saco, sim... Mas sinto que se calhar me vai faltar alguma coisa depois... – explicou a Filipa.

– Bem, amanhã à tarde vamos ficar no colégio... Pelo menos é o que está no programa. Por isso, acho que não vai ser preciso nada de especial.

– Mesmo assim, não consigo evitar sentir-me um bocadinho nervosa! – confessou a amiga.

– Não estejas! Ainda por cima já conheces a Luísa, a Clara, a Madalena... – recordou a Inês.

– Pois... Mas tu conheces toda a gente! E se as miúdas parvas embirrarem comigo? – considerou a Filipa.

– Não embirram nada! E se embirrarem, nós ficamos atentas e não deixamos que te chateiem!

– garantiu a Inês.

– Hummm... Só de me lembrar das coisas que te fizeram quando tu foste para lá... é impossível não imaginar que me vão tentar fazer o mesmo – insistiu a Filipa.

– Não stresses, a sério. Vai correr tudo bem! – disse a Inês, com confiança. Era verdade que os seus primeiros dias no colégio tinham sido difíceis, mas a principal causadora de problemas tinha sido a Maria, que agora só desejava ser sua amiga.

Quando desligou, Inês ouviu a mãe a chamá-la. O pai já tinha dado uma volta curta com o Bruno, mas perguntava se elas o acompanhariam num passeio mais longo, visto que estava uma noite muito agradável e ainda era cedo.

Inês preparou-se para sair. Contudo, ao chegar à porta de casa o seu telefone tocou novamente. A mãe franziu o sobrolho, como quem diz: «Outra vez?!». Agora era o Zé Maria. Sentiu-se atrapalhada. Queria atender, mas tinha vergonha de falar com ele junto da mãe, mesmo não havendo motivo para isso. E não queria voltar a ficar em casa,

quando era a segunda vez que os pais a convidavam para passar uns momentos com eles, ainda para mais sabendo que não se iriam ver durante toda a semana.

– Não atendes? – perguntou a mãe, com um sorriso meio desconfiado.

Realmente, não se justificava ignorar a chamada.

– Sim? Olá! – disse ela, num tom um pouco mais alto, mais agudo e mais alegre do que gostaria de ter usado.

– Olá, tudo bem? – perguntou ele.

– Tudo... – disse ela, enquanto saía de casa com a mãe. – E contigo também?

– Sim... O que é que fazes? – perguntou o Zé Maria.

– Estou a sair para ir dar uma volta com os meus pais, vamos passear o cão – respondeu ela. – E tu?

– Nada de especial... – admitiu ele. Na verdade, o que lhe apetecia dizer era que estava com saudades dela, mas sabia que isso era o género de frase que ela iria achar *cringy*, ou seja, horrivelmente embaraçosa. Ter uma irmã que estava sempre

a queixar-se do que os rapazes faziam e deixavam de fazer ajudava bastante a saber essas coisas importantes.

– Tens planos para sábado, dia 1 de julho? – perguntou ele.

– Até agora acho que não. Porquê? – quis saber a Inês, enquanto caminhava na direção do pai e do Bruno.

– Porque eu queria que tu fosses aos meus anos – explicou o Zé Maria.

– O que é que vais fazer? – indagou ela, curiosa.

– Vamos a um *laser tag* – informou ele. – Já foste alguma vez?

– Não, mas gostava de experimentar! – respondeu a Inês, entusiasmada.

A mãe olhou para ela com um ar intrigado, mas depois afastou-se um pouco e deu o braço ao pai, iniciando uma conversa com ele, para deixar a filha mais à vontade.

– Vou perguntar. Mas acho que eles deixam! – disse ela, tanto para responder ao amigo como para tranquilizar os pais, de modo a que não pensassem que a conversa era “secreta”.

Assim que desligou, contou-lhes que o Zé Maria a tinha convidado para uma festa à qual ela queria muito ir.

– Zé Maria? Quem é o Zé Maria? – perguntou o pai.

– Pai! Não acredito! – exclamou a Inês, sem saber se era brincadeira, ou se o pai estava mesmo esquecido.

– Oh, querido... – interveio a mãe. – É o filho daquele senhor simpático que levou as miúdas de volta para o colégio, quando elas ficaram sozinhas nos Capuchos!

– Ah! – exclamou o pai, divertido. – Zé Maria, hã?! – disse ele, piscando o olho a Inês, para mostrar a sua suspeita de que havia ali uma amizade especial.

Inês riu-se, um pouco atrapalhada. E, para mudar de assunto, perguntou:

– E as nossas férias... como é que vão ser?

– Estamos a planear algo especial em agosto – respondeu a mãe. – O que achas de uma viagem surpresa?



– Uau! Acho fantástico, claro! – exclamou a Inês, entusiasmada com a ideia. – Mas é uma viagem ao estrangeiro?

– É uma viagem SUR-PRE-SA... – sussurrou-lhe o pai ao ouvido.

Inês sorriu, sentindo-se alegre e expectante. Sabia que seria era difícil aguardar pacientemente, restando a curiosidade. Porém, não tinha dúvidas de que seria compensada no momento em que vivesse a emoção de partir rumo a um destino misterioso, para umas férias decerto inesquecíveis.



## Inês tem um *déjà-vu*

**A** chegada das raparigas ao colégio do Roseiral, no dia seguinte, foi muito diferente do que era habitual: em vez de saírem dos carros com um ar sério e apressado, enveredando a farda azul-escura e branca, vinham numa alegre excitação,

vestindo trajes de praia e carregando sacos coloridos. Já não eram propriamente “alunas”, mas veraneantes bem-dispostas, ansiosas por passarem uma semana animada. Havia, para além disso, algumas caras novas, como a da Filipa, que chegou com a Inês.

– Bom dia! – disseram elas, cumprimentando a Luísa, a Clara e a Madalena.

– Olá, olá! Bem-vinda, Filipa! – responderam as amigas, alegremente.

As raparigas que não estudavam no Roseiral, tendo-se apenas inscrito no programa de verão, identificavam-se pelo ar envergonhado e pela atitude menos segura. A própria Filipa reparou nisso, olhando em volta: havia algumas meninas sozinhas, com um ar um pouco ansioso e tímido. Sentiu pena delas, desejando que tivessem pelo menos uma amiga no colégio, que chegasse rapidamente para lhes fazer companhia. E esforçou-se por demonstrar à-vontade, de modo a passar despercebida.

– Já viram aquela miúda? – ouviu alguém dizer atrás de si.

Era a Carminho, que a Filipa não conhecia, mas calculou que fosse uma das raparigas antipáticas que gostavam de atormentar as novatas, pelo tom escarninho da sua voz. Falava com duas amigas, que avaliaram a “intrusa” e propuseram:

– Vamos gozar com ela!

E encaminharam-se as três na direção da rapariga, que estava distraída a observar outros grupos.

– Ouviram aquilo? – perguntou a Filipa à Inês e às amigas. – Aquelas miúdas ali, que vão ter com a que está sozinha... Disseram que iam gozar com ela!

– Ah, pois... É típico. A loira é a Joana e as outras são a Ana e a Carminho. São as ovelhas ronhosas do nosso dormitório – comentou a Luísa.

– Acho que vou ter um *déjà-vu*! – disse a Inês, abanando a cabeça. – Aquela parece eu, no dia em que vim para o colégio...

Quiseram ver o que acontecia, mas, entretanto, chegaram a Vera e a Rita e, logo a seguir, a Patrícia e a Mafalda. Cumprimentaram-se todas com alegria, Inês apresentou-lhes a Filipa e trocaram comentários elogiosos sobre as roupas umas das outras. Quando se viraram novamente

para tentar perceber o que se passava, a rapariga nova estava a chorar e as outras já não estavam perto dela.

– Estúpidas! Vou lá falar com a miúda... – decidiu a Luísa. Inês e Filipa resolveram segui-la.

– Estás bem? – perguntou a Luísa, ao aproximar-se da rapariga, que começou a limpar as lágrimas, mas não conseguia parar de chorar.

A jovem era bastante alta e muito magra. Morena, de cabelo comprido, fazia lembrar a Olga, embora não houvesse nela qualquer sinal de extravagância nem de altivez.

– Como é que te chamas? – perguntou a Filipa.

A rapariga fungou e procurou um lenço no saco. Assoou-se, respirou fundo e finalmente respondeu:

– Alice.

– Anda para o pé de nós, Alice! – sugeriu a Inês.

A Alice deu um passo e ficou à espera de que elas também comessem a andar. Estava surpreendida e feliz com a ideia de se integrar num grupo de raparigas que já estivessem familiarizadas com o ambiente do colégio.

Mas a Luísa não se mexeu. Apesar de gostar muito da Inês e de a considerar uma das suas melhores amigas, ainda gostava de pensar que era a chefe do grupo. Por isso, queria ser ela a decidir se a Alice tinha ou não condições para fazer parte dele.

– Passaste para que ano? – perguntou à Alice.

– Para o 8.º – respondeu ela, ligeiramente con-frangida pelo tom autoritário da Luísa.

– Fixe! Nós também – comentou a Inês, an-siosa por voltar para junto do grupo, antes que se fizesse tarde.

Ouviu-se o som estridente e prolongado de um apito, que ressoou por todo o pátio. Àquele sinal, a maior parte das raparigas sabia que era suposto dirigir-se para o parque de estacionamento das tra-seiras, onde os autocarros estariam à sua espera. As que não sabiam só teriam de seguir a maioria. Luísa foi juntar-se às amigas, aparentemente esquecida da rapariga nova. Inês e Filipa foram atrás dela, seguidas pela Alice.

– Não tens ninguém conhecido aqui no colégio? – perguntou-lhe a Inês, enquanto caminhavam.

– Não tinha... Mas agora já tenho! – respondeu ela, sorrindo.

– Porque é que te inscreveste no programa de verão? Vens para o Roseiral no próximo ano? – quis saber a Filipa.

– Sim. Sempre vivi em Braga, mas agora mudei-me para cá – respondeu a Alice.

À frente delas, a Luísa ouvia a conversa sem dizer nada. As outras raparigas do grupo começaram também a fazer perguntas à Alice, educadamente, para a fazerem sentir-se bem acolhida.

Quando entraram no autocarro, Inês sentou-se junto da Filipa e a Alice tentou sentar-se ao lado da Luísa, mas ela disse-lhe com brusquidão que o lugar estava ocupado. Inês observou-a, admirada com o seu comportamento. Era natural que ela quisesse ir com a Madalena, que ficara para trás e certamente queria sentar-se junto da sua melhor amiga. O que não era natural era a forma rude como a Luísa tinha tratado a Alice.

Depois de se terem instalado na praia, Inês aproveitou o momento em que a Luísa foi até à beira-mar para ir falar com ela.

– Estás chateada? – perguntou-lhe.

A Luísa não respondeu, avançando alguns passos pela água adentro. A Madalena aproximou-se de Inês e advertiu:

– Não vás falar com ela ainda... Espera um bocado! – aconselhou ela.

– O que é que lhe deu? – perguntou a Inês. – Achas que ela está chateada comigo por ter convidado a Alice a juntar-se a nós? – indagou a Inês.

– Não acho, tenho a certeza! – disse ela. – Tu sabes como ela gosta de ser a líder...

Entretanto, a dona Lurdes aproximou-se empurrando a Clara numa cadeira de rodas especial, disponibilizada pelos nadadores-salvadores, que podia ser usada no mar.

– A Clara quer ir à água. Ajudem aqui a empurrar isto até lá, sim?

A Madalena fez sinal à Mafalda e à Patrícia, que estavam ali perto, e as quatro amigas levaram a Clara até ao mar. A princípio, sentiram frio e não lhes apetecia molharem mais do que os pés. Mas depois, com a brincadeira, a conversa e a habituação à temperatura da água, acabaram por passar lá bastante tempo. A Luísa, no entanto, não se



juntou ao pequeno grupo, optando por ir ter com a Vera e a Rita, que se entretinham a adivinhar palavras à vez, desenhando tracinhos na areia molhada. Do mar, Inês observou-a com alguma apreensão, sem saber o que poderia fazer para merecer de novo a aprovação da amiga.